

A leitura escolar como construção ideológica: o caso na lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906)

Elomar Tambara

Resumo

Neste trabalho investigamos o processo de metamorfose de uma das lendas mais conhecida e usada em sala de aula no Rio Grande do Sul: A lenda do Negrinho do Pastoreio até o momento em que ela se tornou um "saber escolar".

Sob certo prisma, é possível identificar as mudanças, transformações, metamorfoses que as diversas concepções de mundo e, em consequência, os currículos e saberes escolares sofrem a partir das leituras escolares. Sem sombra de dúvida, há um processo em desenvolvimento no cotidiano da sala de aula concatenando escola/sociedade direcionado à construção da memória e da manutenção da ideologia dominante.

No caso em análise a lenda foi cristianizada e lapidada para atender os interesses de consolidação de uma estratégia de reconquista do poder do catolicismo e, em particular, do ultramontanismo no Rio Grande do Sul. No momento em que isto ocorreu, com a versão desenvolvida por João Simões Lopes Neto, a lenda constituiu-se num efetivo saber escolar passando a fazer parte dos currículos escolares.

Em suma, o que se pode observar é que as práticas de leitura consubstanciadas nos currículos e nos saberes escolares estão eivadas de concepções ideológicas que reconstróem continuamente as subjetividades e as práticas dos sujeitos a elas submetidas. A compreensão da direção destes parâmetros de indução da introjeção de uma dada cosmovisão contribuiriam, com certeza, para uma prática profissional, na área da educação, muito mais conscientizada e conscientizadora.

Palavras-chave: Saber Escolar; lenda Negrinho do Pastoreio; Inculcação ideológica.

Abstract

In this work we investigate the metamorphosis of one of the most known and used legends in classroom in Rio Grande do Sul Province: the "Negrinho do Pastoreio" legend until de moment it because a "school knowledge".

From a Certain aspect, it is a possible to identify changes, transformations and metamorphosis that diverse word conceinings and, consequently, School curriculums and knowledges, suffer from scholl readings. No doubt, there is a developing process in classroom everyday concatenating school/society directed to memory construction and dominant ideology maintenance.

In short, one can observe that reading practices consubstantiated in school curriculums and knowledges are full of ideologic conceinings that continuously re-build subjectivities and practices of the subjects submitted to such reading practices. The comprehension of the direction of these inducement parameters of a given conception of world would certainly contribute to a professional practice, in education area, much more.

In the case here analyzed, the legend was Christianized and lapidated to attend the consolidation interests of a reconquest strategy of the Catholicism power and, particularly, of

Elomar Tambara

the Ultramontanism. At the moment in which that occurred, with João Simões Lopes Neto version, the legend became a real school knowledge, as part of the schools curriculums.

Keywords: School knowledge, Negrinho do Pastoreio Legend; Ideologic inculcation.

Este "trabalho" é resultado parcial da investigação realizada no Projeto de Pesquisa "Repertório de Manuais Escolares na Escola Elementar no Brasil, no Século XIX", desenvolvida no âmbito do CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação), vinculado à Universidade Federal de Pelotas.

As fontes para a compreensão do processo de constituição de estruturas ideológicas no âmbito do cotidiano escolar e, particularmente, na construção dos currículos e saberes escolares são variadas e inúmeras. Os livros-textos, os manuais escolares, os discursos em formaturas, as fotografias e outras impressões iconográficas, os catecismos, as ementas, os cadernos escolares, entre muitos outros "artefatos" impregnados/impregnadores de ideologia que circulam nas redes de ensino, refletem os diversos momentos deste processo.

Da mesma forma, as abordagens teórico-metodológicas que servem de suporte para as investigações dos processos de inculcação ideológica são muito variadas. No caso em análise optamos pela utilização do cabedal desenvolvido por Pierre Bourdieu.

A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é sociologicamente necessária na medida em que essa cultura deve sua existência às condições sociais da qual ela é o produto e sua inteligibilidade à coerência e às funções da estrutura das relações significantes que a constituem. (BOURDIEU, 1982, p.:23)

Sob certo prisma, é possível identificar as mudanças, transformações, metamorfoses que as diversas concepções de mundo e, em consequência, os currículos e saberes escolares sofreram a partir das leituras escolares. Sem sombra de dúvida, há um processo em desenvolvimento no cotidiano da sala de aula concatenando escola/sociedade direcionado à construção da memória e da manutenção da ideologia dominante.

Nesta comunicação vamos analisar o processo de metamorfose de uma das lendas mais conhecidas e usadas em sala de aula no Rio Grande do Sul: A lenda do Negrinho do Pastoreio até o momento em que ela se torna um "saber escolar".

A principal justificativa para esta opção decorre do fato de que esta lenda é usada em inúmeras salas de aula como instrumento auxiliar do processo de aquisição da leitura e fazendo parte de muitos currículos escolares. Uma rápida incursão na internet nos demonstra sobejamente esta assertiva. Entretanto, uma compulsão nas clássicas "seletas em prosa e verso", de modo especial, aquelas mais utilizadas no Sul do país desde as

primeiras que caracterizaram este tipo de instrumental de livro de leitura¹ até aquelas que, praticamente, as tornaram a forma por excelência de livro texto de leitura² não encontramos esta lenda.

Da mesma forma nas cartilhas tradicionalmente utilizadas no Sul do país, no final do século XIX e início do século XX, a lenda do negrinho do pastoreiro não aparece como texto de leitura.

Assim, é nossa hipótese que uma lenta e gradual metamorfose lapidou esta lenda tornando-a passível, e mesmo desejável, de ser utilizada em sala de aula. Constituindo a grade curricular e o saber escolar de muitas escolas contemporaneamente.

O primeiro aspecto que precisa ser evidenciado é que lenda é narrativa que se conta e que se escreve. E neste sentido, constitui registro de tipos e arquétipos que assumem um evidente papel de indicador do processo de hegemonização de determinados paradigmas sociais.

Os símbolos, valores combinatórios definidos por suas virtualidades, são, de fato constitutivos de todas as relações sociais que não podem manter-se senão graças à instauração de um sistema de referência comum. (AKOUN, 1983:395)

Estruturas narrativas, mormente aquelas transmitidas por tradição oral, vinculam-se com facilidade às estratégias das frações de classe da classe dominante no sentido de plasmar processos hegemônicos de dominação ideológica. Estas narrações tradicionais significam algo mais do que a expressão literária de um povo. Assim, muitas vezes, podem revelar formas específicas de modos de viver e de conceber as relações sociais e das transformações por que passam. Um exemplo são as diferentes versões da fábula "A cigarra e a formiga" de La Fontaine. Este processo está associado tanto às versões decorrentes de traduções diferenciadas,³ como às diferentes versões sobre seu final, o que atesta diferenciadas mensagens morais. Um exemplo deste procedimento são as duas versões elaboradas por Monteiro Lobato⁴.

As lendas, segundo HERSKOVITS, "atuam não somente como valioso instrumento educativo, senão que são igualmente úteis para manter um sentido da unidade e do valor do grupo" (1952, p. 45)

¹ Parnazo Brasileiro, SILVA, Pereira da. Parnazo Brasileiro, Rio de Janeiro, Laermert, 1843; VILLEROY, Frederico Ernesto Estrela de. Seleta nacional ou trechos escolhidos de Diversos autores nacionais. Pelotas, Americana, 1883.

² CLEMENTE, Pinto. Seleta em prosa e verso dos melhores autores brasileiros e Portugueses. Porto Alegre, Selbach, 1884.

³ vide as clássicas traduções de João de Deus e a de Bocage

⁴ LOBATO, Monteiro. Fabulas em prosa in **Revista do Brasil**, São Paulo, 1921. n. 68

O objetivo desta investigação é identificar o processo de metamorfose por que passou a lenda do negrinho do pastoreio e, particularmente, compreender as transformações, agregações, mutações, obliterações dos motivos constitutivos da estrutura literário-narrativa da lenda.

Em verdade, vamos nos restringir aos registros publicados, e que constituem fontes objetivas, da interpretação e re-interpretação que alguns autores registraram em determinada época. Neste sentido, pressupõe-se que estes relatos, historicamente situados, tenderiam a representar o espectro sócio-cultural e ideológico destes períodos históricos.

Vamos nos circunscrever às manifestações direta ou indiretamente vinculadas ao Rio Grande do Sul. A associação da lenda do Negrinho do Pastoreio como uma manifestação tipicamente sul-riograndense tanto tem merecido a aquiescência de muitos estudiosos como também tem recebido contestações⁵.

É interessante observar que também em relação à natureza do negrinho pastoreio há controvérsias, mormente, aquelas associadas à vinculação do mesmo à figura do Saci.

Segundo Bilac,

em certos pontos do Brasil, o mesmo Saci despoja-se da sua malignidade, perde a cauda retorsa e os chavelhos de diabo, e adquire uma aureola e um par de azas de anjo. Aqui mesmo, em alguns sertões de São Paulo, o Saci é, às vezes, o Negrinho do Pastoreio, nome favorecedor, que, no Rio Grande do Sul, tem o nome ligeiramente modificado de *Negrinho do Pastoreio*. (BILAC, 1928, p. 49)

Agregam-se a esta polêmica, posições platinas que reivindicam para outras plagas o lócus sob o qual se originou a lenda do Negrinho do Pastoreio. A rigor, dois autores têm registrado esta manifestação: Javier Freyre no Uruguai⁶ e Juan Ambrosetti na Argentina.

Mas, em relação a esta controvérsia e, mesmo a outras, que fazem parte do estado da arte da compreensão que hoje se tem desta lenda, passaremos ao largo. Nos restringiremos a identificar algumas transformações da lenda tentando mostrar as conotações que as respectivas

⁵ Entendem que a lenda é "genuinamente" Sul-Rio-Grandense, entre outros estudiosos, Alcides Maia, Donatello Grieco, Augusto Meyer, Roque Callage. De outro lado, contestam de uma forma ou outra, Câmara Cascudo, Euclides da Cunha, Basílio de Magalhães, Barbosa Rodrigues

⁶ A versão de Javier Freyre, publicada em 1890 no Almanaque Peuser encontra-se em MEYER, 1951, p. 123.

Uma outra versão encontra-se no Anexo I.

mudanças tiveram com a realidade sócio-ideológica da época em que ocorreram e que, em meados do século XX, a transformaram em um saber escolar.

Para tanto, faremos este trajeto a partir de três registros pontuais seguindo a seqüência cronológica de seu surgimento na literatura até o início do século XX. Iniciamos com o primeiro que conhecemos, que é o de Antonio Maria do Amaral Ribeiro, em 1857. Seguindo com a análise das versões de Alfredo Varela, em 1897; de João Simões Lopes Neto, em 1906⁷. A partir de então outras versões da lenda são elaboradas: João Cezimbra Jacques, em 1912; Roque Callage, em 1914; (...) vindo até os dias atuais.⁸

Esta tipologia difere de algumas outras "cronologias", que acrescentam algumas outras versões, consideradas importantes, como a de Alberto Coelho da Cunha, em 1872, equivocadamente considerado o primeiro registro da Lenda⁹, como a de Apolinário José Gomes Porto Alegre, em 1875, também por muitos estudiosos considerada o primeiro registro da lenda¹⁰, e a de Darcy Pereira Azambuja, 1928.

Quanto a Alberto Coelho da Cunha, este apenas consigna a existência da mesma, sem, contudo, apresentar a estrutura da lenda. Apolinário Porto Alegre e Darcy Pereira Azambuja, a rigor, restringem-se a ter a lenda do Negrinho do Pastoreio como pano de fundo de suas narrativas. A rigor, nenhum destes registros, permitem uma análise mais acurada da metamorfose dos elementos constitutivos da lenda.

Este trabalho limitar-se-á à investigação das estruturas básicas da lenda, e de modo especial, das transformações que a mesma passou a apresentar no decorrer das décadas. Temos como hipótese fundamental que estas mutações muito mais do que representar a fertilidade literária ou estilística dos autores que a formataram, representam as transformações por que passou a sociedade Sul-rio-grandense. Destarte, não se pretende fazer juízos de valor sobre o grau de consciência destes autores no sentido da percepção de seus papéis históricos, salvo o de registrar o papel da lenda em termos de formação social.

⁷ Para efeito desta comunicação nossa análise irá somente até a versão de J. Simões Lopes Neto.

⁸ A versão de Cezimbra encontra-se no Anexo 2.

⁹ Veja BORGES, Luís. História da pesquisa simoniana e atualização bibliográfica sobre João Simões Lopes Neto in História, Resistência e Projeto em Simões Lopes Neto. Porto Alegre, WS editor, 2001

¹⁰ Veja CESAR, Guilhermino. Notícia do Rio Grande – Literatura. Porto Alegre, IEL/Editora da Universidade da UFRGS, 1994

Esta empreitada tem início com o registro efetuado por Antonio Maria do Amaral Ribeiro, em 1857. Embora tenha-na registrado em Portugal, sua manifestação parte de Porto Alegre e faz, inclusive, o registro com uma perspectiva irônico-zombeteira típica de um posicionamento alheio à realidade cotidiana da província. O autor assim relatou a lenda:

Lenda do Rio Grande – Há entre a plebe da Província do Rio Grande do Sul uma superstição, que tem tanto de absurda quanto de ridícula e exótica. Amiudadas vezes se vê a deshoras d'uma noute escura, junto do monturo, no canto do cerrado d'um quintal, em lugares pouco freqüentados e destinados a immundicies, um côto de vela de cebo, acceso e fincado no chão. Que significará isto? Será um fanal, que alguma nova *Hero* tenha accendido para servir guia ao seu extremoso *Leandro*, com receio que elle naufrague n'esse *Hellesponto*? Não: é o cumprimento d'um voto, que nas horas de suas atribulações fez a mãe *Catharina* ou o pai José para amansar seu senhor, recorrendo para isso ao *Crioulinho do Pastoreio*! E quem era esse *Crioulinho do Pastoreio*? Perguntai à tia Andreza e ouvirei maravilhas d'este Santo! Era um negrinho crioulo, escravo d'um mau senhor, que lhe dava um punhado de farinha para elle comer por dia, com a obrigação de trazer a mesma porção quando regressasse de apascentar o gado, e que este, para o livrar das sevicias de seu senhor, não só subministrava a farinha precisa para viver e levar para casa, como também por elle cumpria a tarefa quem lhe era imposta! Ouvireis a tia *Rosa* nos seus catares descrever os tractos que ao *Crioulinho do Pastoreio* applicava seu mau senhor, como o fazel'o dormir sobre um formigueiro! E como é junto dos muros e cerrados dos quintaes, nos monturos, etc., que de ordinario as formigas se vão alojar, eis a rasão do ignóbil altar de tão milagroso Santo, o qual só se allumia com cebo, que é despojo dos animaes, que tanto se condoeram d'esse nunca visto Santo e tão prestimosos lhe foram. Quanto a dever ser um, ou deverem ser três, os côtos accêsos, é questão de liturgia ainda não decidida. Os que dizem dever ser três, fundão-se para isso nas três espécies de gado, bovino, suíno e cavallar, guardados pelo *Crioulinho*. Antonio Maria do Amaral Ribeiro. Porto Alegre, Império do Brasil. (RIBEIRO, 1857, p. 207)

Assim, em termos estruturais, nesta primeira versão, o enfoque está direcionado a um único motivo: a exploração, a violência, e os "maus tratos" exercidos pelos senhores em relação aos negros escravos. O martírio foi uma constante na vida do negrinho. E sua intercessão se refere única e exclusivamente no sentido de "amansar" o seu senhor. Portanto, é uma lenda com a específica fução de amainar as truculentas relações de classe entre o senhor e o escravo. A classe oprimida constrói uma entidade com capacidade, uma vez invocada, através do acendimento de um ou três cotos de vela, de aplacar a crueldade da relação social senhor/escravo

Há uma canonização popular de um ente com capacidades especiais para atender determinados e específicos pedidos. Note-se então

que já em seu início há um processo de mitificação da ação do negrinho pós-martírio.

A segunda versão é a de Alfredo Varela. Em verdade há duas versões deste autor, a primeira em 1897¹¹, e a segunda, mais estilizada, em 1933¹²

Informado um estancieiro de que desaparecera um petiço, confiado à guarda de um escravo de pouca idade, enfureceu-se, ordenando ao pretinho que lhe procurasse o animal até encontrar, sob pena de soffrer castigo severo. N'isto occupou se todo o dia o infeliz e desolado rapaz, e ainda continuou na faina, pela noite á dentro, servindo-se, para allumiar-se, de um coto á dentro, servindo-se, para allumiar-se, de um coto de vela: mas, de balde. Voltou á estância, sem haver achado o que procurava.

O senhor, então, fel-o matar sob o açoite; para esconder o nefando crime, ordenou que o enterrassem, sendo escolhido um lugar em que seria difficil de decobrir o cadáver: um desses grandes formigueiros existentes no paiz, no fundo do qual foi escondido o mizero descendente da raça sacrificada.

No dia seguinte, pela manhã, quando o fazendeiro passava nas proximidades de casa e não longe da cova da victima, estacou espantado, avistando o negrinho a quem encarregava de pastorear seus animaes, o qual, de pé, à boca da passageira sepultura, sacudia de cima de si as formigas e a terra de que o tinham coberto, feito o que, saltando sobre o petiço perdido e que no momento ali se achava, desapareceu para sempre.

Foi sobre esta tradicção que se fundou o culto original do Negrinho do pastoreio. O povo dos campos, quando queria encontrar um objecto perdido, tinha o cuidado de votar-lhe, em qualquer canto, um naco de fumo e um coto de vela acceso – em lembrança dos seus soffrimentos, na noite que precedera o martyrio. (VARELLA, 1897, p. 377-78)

Em 1897, observa-se, supondo que a versão de Varela fosse a corrente, uma primeira e substancial modificação no eixo principal da narração: a transferência do conflito do âmbito da luta de classes para o da relação funcional.

O cerne da lenda passa a ser um pressuposto descuido do negrinho, e a transformação deste fato, pela malvadeza do estancieiro, em falta grave e sua inconsequente reação que o leva a morte.

Sem dúvida, a lenda como anteriormente era relatada perdeu sua intensidade (e sua utilidade) ideológica por ocasião da abolição da

¹¹ VARELA, Alfredo. Rio Grande do Sul. Descrição Geográfica, Histórica e Econômica. Porto Alegre, A Federação, 1897.

¹² VARELA, Alfredo. **História da Grande Revolução**. Porto Alegre, Globo, 1933

escravatura. Embora, os negros ainda continuassem oprimidos, segregados, marginalizados, etc. no novo sistema, ideologicamente foi conveniente re-direcionar a lenda para uma nova motivação. Entra em cena a questão do extravio do petiço e a conseqüente re-construção do objeto da intercessão: a ajuda para encontrar objetos perdidos.

Há, sem dúvidas, um re-direcionamento no motivo principal da lenda. E é importante ter em mente que este teve eminentemente um caráter secular, apesar de por outro lado, também se observar a caracterização do ecletismo religioso com a introdução da oferenda ("obrigação") -o naco de fumo - aspecto típico dos cultos religiosos afro-brasileiros.¹³

Em termos de estilização da lenda do Negrinho do pastoreio, a contribuição de João Simões Lopes Neto, em 1906, tornou-se, rapidamente, a versão mais conhecida e, reconhecidamente, a de melhor compleição literária. Segundo Reverbel:

Embora tenha havido três versões anteriores da lenda, "O Negrinho do Pastoreio" poderia permanecer no culto popular, mas não ficaria como obra de arte literária, despido da estilização simoniana. Havia apenas registros da lenda, Simões Lopes transformou-a em obra-prima. (REVERBEL, 1981, p. 245)

Uma característica importante da estilização realizada por João Simões Lopes Neto é a expressiva agregação de novos elementos á lenda. De modo geral, os autores identificam:

O menino mau, filho do estancieiro, personagem de relevo na desgraça do Negrinho; o motivo de Nossa Senhora, madrinha dos desvalidos; o lance importante das carreiras pois o próprio herói da história é o corredor do parreheiro, e a corrida em cancha reta, essencial no caso, não se limita a servir de simples episódio, assumindo a importância de um clímax dentro da linha da narrativa. É a carreira perdida que vai provocar a desgraça do Negrinho. (MEYER, 1960, p. 112)

Embora estas alterações sejam importantes e significativas a principal contribuição da "versão simoniana" foi a de plasmar um novo re-direcionamento do eixo argumentativo da lenda. Isto é, transferir a ênfase dos conflitos existentes entre classes sociais para conflitos intra-classes. E, a rigor, não constituindo, sociologicamente falando, em conflitos de classe.

O comportamento do estancieiro é compreendido como uma decorrência natural de suas características pessoais. E somente como muita boa vontade é que se pode, a partir da narrativa da lenda, transferir tal

¹³ CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro, Forense, 1977

comportamento para toda a classe. Ao contrário, o estancieiro que ganhou a aposta representa a fração de classe "bem comportada".

Há uma troca de plano, em que a questão do bem e do mal se torna o ingrediente fundamental do argumento. Assim de um lado temos o estancieiro mau, seu filho tão mau como ele e, de outro lado, o estancieiro bom, e o negrinho do pastoreio colocado como um ente desprotegido.

Neste aspecto, reforça-se o poder do negrinho pela proteção mística que passa a receber. No caso, nitidamente um ingrediente católico. Na verdade cola-se à personagem do negrinho do pastoreio, que já havia sido santificada pela devoção popular a figura de Nossa Senhora.

A primeira vista, pode parecer uma questão menor dentro do espectro ideológico que estava se configurando no Rio Grande do Sul no início do século XX. Entretanto, representa a consolidação de uma estratégia de reconquista do poder do catolicismo e, em particular, do ultramontanismo.

É preciso ter em mente, que na província de São Pedro do Rio Grande do Sul durante o século XIX se observa um acelerado processo de deterioração das concepções religiosas católicas plasmando uma sociedade caracterizada por um absoluto indiferentismo religioso.

Segundo Varella:

Depois da grande revolução, continuou cada vez mais rápida a decadência do culto reconhecido pela constituição imperial, até as mesmas praticas exteriores sendo cada vez mais abandonadas, só um pequeno numero de senhoras continuando a freqüentar os lugares destinados a officios divinos; a população masculina ficou reduzida a um deísmo vago e em muitos chegou a uma completa aniquilação dos mais ligeiros resquícios da doutrina catholica. Hoje em dia, o desuso de toda e qualquer pratica religiosa, é facto, universalmente observado: raro é não descobrir uma ponta de riso voltaireano, até mesmo nos poucos que affectam falar com certo respeito, na chamada religião dos brasileiros, do art. 5º. da carta imperial. (VARELLA, 1897, p. 378)

A rigor, com a proclamação da república a igreja católica deixando de ter o caráter de religião oficial apressou-se a ocupar todos os aparelhos ideológicos possíveis com o objetivo de plasmar, agora na prática, aquilo que detinha de direito.

Neste sentido, nota-se em todo o Brasil e, de modo especial, no Rio Grande do Sul, a gênese e consolidação de estratégias de domínio ideológico que buscavam plasmar a cosmovisão ultramontana na sociedade civil.

Neste sentido, evidencia-se a importância da introdução da figura de Nossa Senhora e sua conseqüente contraposição com os segmentos

luteranos que não enfatizam o papel de intermediação que o catolicismo atribui a esta "entidade".

Em todos esses casos reproduz-se o que poderíamos definir, forçando um pouco a expressão, a 'imitação de Cristo' do nosso tosco martirologio negro. O Negrinho do Pastoreio, a 'Santa Josefa', o preto Sebastião também não devem nada ao sincretismo religioso introduzido pelos africanos, ao enxertarem as formas originais do seu culto na tradição católica da Colônia. Não Possuem nenhum fundo afro-brasileiro, mas apenas elementos formais de origem africana. O seu sentido é bem cristão, apesar de certa mescla acidental de paganismo. (MEYER,1960, p. 106)

A dimensão cristã da lenda do Negrinho do Pastoreio é constatada por diversos autores. Segundo CASCUDO (1940, p. 2295) "A lenda do 'Negrinho' é visivelmente cristã e regional". Outro trabalho que demonstra a feição cristã da lenda do negrinho do pastoreio é o de BAVARESCO. Segundo este autor: "Há um paralelo entre o texto do Negrinho e o texto do Evangelho que narra a paixão, morte e ressurreição de Jesus (o tríduo pascal)" (...) A figura do Negrinho é semelhante a figura do 'servo sofredor' do profeta Isaías. O sofrimento, as injustiças e a dor carnal do Negrinho são superados no plano simbólico-religioso. A Mãe – a madrinha – é reverenciada como protetora e redentora na figura da Virgem Maria. Tal como Jesus Cristo, o salvador da humanidade, Maria é a que salva e redime o Negrinho." (2001:26) Augusto Meyer sintetiza bem esta questão "a lenda do Negrinho do Pastoreio 'originou-se, por piedade e como desafronta e castigo, nos sofrimentos da escravidão', observa Alcides Maia. Ela é, sublinha o mesmo autor, 'de fundo essencialmente cristão'. Todos os intérpretes e folcloristas assim a compreenderam." (1949:268)

Entretanto, o que precisa ficar bem claro neste processo de metamorfose da lenda é que a conformação cristã/católica é fundamentalmente originada da estilização elaborada por João Simões Lopes Neto e representa a consolidação do processo de hegemonia ideológica propugnada pela corrente ultramontana no Rio Grande do Sul.

Em suma, o que se pode observar é que as práticas de leitura consubstanciadas nos currículos e nos saberes escolares estão eivadas de concepções ideológicas que reconstróem continuamente as subjetividades e as práticas dos sujeitos a elas submetidas. A compreensão da direção destes parâmetros de indução da introjeção de uma dada cosmovisão contribuiriam, com certeza, para uma prática profissional, na área da educação, muito mais conscientizada e conscientizadora.

Um belo discurso pode produzir excepcionalmente um desencadeamento momentâneo de comoção; uma história de criança que nos ficou na reminiscência, uma canção do povo que nos passa

de quando em quando na memória, uma usança tocante de que não nos esquecemos, essas ficam na alma por toda a vida como pungentes e gostosos acicates do enternecimento, da saudade e da simpatia. (AMARAL, 1948, p. 31)

Nesta direção, o poder de introjeção, de persuasão, de domesticação, etc. que contos, lendas, mitos, canções, etc intrinsecamente possuem não pode ser negligenciado nas práticas de leitura, e especificamente, na constituição dos currículos e saberes escolares, pois independente do caráter técnico do processo de aprendizagem há, sempre, uma mensagem oculta que, por vezes, impregna o aprendiz por toda a vida. Os saberes nunca são axiologicamente neutros.

Só o fato de se transmitir uma mensagem numa relação de comunicação pedagógica implica e impõe uma definição social do que merece ser transmitido, do código no qual a mensagem deve ser transmitida, dos que tem o direito de transmiti-la ou, melhor, de impor a recepção, dos que são dignos de recebe-la e, por isso, são coostrangidos a recebe-la, e enfim, do modo de imposição e de inculcação da mensagem, que confere a legitimidade e, através disso, o sentido completo à informação transmitida. (BOURDIEU, 1982, p. 122)

Referências

- AKOUN, Andre. *Dicionário de Antropologia*. Lisboa: Verbo, 1983.
- AMARAL, Amadeu. *Tradições Populares*. São Paulo: Progresso Editorial, 1948.
- BAVARESCO, Agemir. O núcleo ético-metafísico do Negrinho do Pastoreio de João Simões Lopes Neto In *História, Resistência e Projeto em Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS editor, 2001.
- BILAC, Olavo. Sobre algumas lendas do Brasil. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 1928. n. 98 ano IX.
- BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução*. São Paulo: Francisco Alves, 1982.
- BORGES, Luís. História da pesquisa simoniana e atualização bibliográfica sobre João Simões Lopes Neto In *História, Resistência e Projeto em Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS editor, 2001.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

- CALLAGE, Roque. *Terra Natal*. Porto Alegre: Globo, 1920.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Seis mitos Gaúchos. In *Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia*. Porto Alegre: Globo, 1940.
- CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande – Literatura*. Porto Alegre: IEL/Editora da UFRGS, 1994.
- CEZIMBRA JACQUES, João. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: tip.da Escola de Engenharia, 1912.
- GRIECO, Donatello. *Antologia de Contos brasileiros*. Rio de Janeiro: A Noite.
- HERSKOVITS, Melville J. *El Hombre y sus obras*. México: Fondo de Cultura, 1952
- LOBATO, Monteiro. Fabulas em prosa In *Revista do Brasil*, São Paulo, 1921. n. 68.
- MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica Aurora, 1951.
- MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. Rio de Janeiro: São José, 1960.
- MEYER, Augusto. Nota sobre "Lendas do Sul" In *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949.
- REVERBEL, Carlos. *Um capitão da guarda nacional*. Porto Alegre: UCS, 1981.
- RIBEIRO, Antonio Maria do Amaral. Uma lenda do Rio Grande In *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro de 1858*. Lisboa: Imp. Imprensa Nacional, 1857.
- VARELA, Alfredo. *Historia da grande revolução*. Porto Alegre: Globo, 1933.
- VARELA, Alfredo. *Rio Grande do Sul*. Descrição Geográfica, Histórica e Econômica. Porto Alegre: A Federação, 1897.

ANEXO 1

El negrito del pastoreo

Cuenta el folklore uruguayo que a la hora de la siesta, cuando el campo se duerme bajo el sol, anda cabalgando sobre un bayo brioso, un jinete oscuro como la noche. Si alguien se lo topa, verá que es un muchachito negro, casi un niño, que sale a buscar algún animal perdido o cosas extraviadas, que un paisano creyente del fantasma le ha solicitado, mientras encendía su vela.

És una aparición querida y respetada desde su muerte, allá por la época en que los esclavos aún existían en la otra margem del Plata.

Según relata la leyenda, un negrito esclavo, buen jinete, debía montar en una carrera de caballos un bayo propiedad en su amo.

La carrera se largó. Los caballos avanzaron al galope largo. El hombre, bien vestido y expectante, observaba la competencia. Su animal debía ganar.

Cuando vio que se rezagaba, la cólera se fue apoderando de él.

Finalmente, la cabalgadura y su jinete llegaron contritos y tarde a la meta.

La furia tiñó los ojos y el alma del dueño, y el castigo cruel cayó sobre el desamparado negrito perdedor.

Durante días y días lo dejó sin alimento. Las fuerzas abandonaban al muchachito y la desesperación y el hambre eran sus únicas compañías. Hasta que, hecho un montón de piel y huesos, murió en la soledad.

Para esconder los pobres restos, el asesino los metió en un homiguero. Así nadie sabría el delito cometido.

Pero el Negrito del pastoreo salió de la tierra que lo cobijara, para mostrar-se durante siestas silenciosas cabalgando su bayo.

El fantasma del negrito ya no esclavo y ayuda a los que confían en él le prenden una vela.

ANEXO 2

Versão de Cezimbra

Havia um estancieiro cruel para os escravos e para a peonada. Uma feita, comprou ele uma boa ponta de novilhos, era inverno rigoroso e fazia frio de rachar. Esse gado, para ser aquerenciado no campo da estância, mandou ele pastorejá-lo por um crioulo de quatorze a desesseis anos. Quando chegava o entrar do sol, trazia o crioulo o gado do pastorejo e o encerrava no curral, sendo de antemão, contado os ditos animais pelo estancieiro.

Um dia na contagem deu ele falta de um novilho e sem mais demora encostou o cavalo no da pobre criança e deu-lhe a valer com grosso e pesado relho, deixando-lhe o corpo semi-nu e cheio de lanhos a correr sangue. E depois que bateu barbaramente, à vontade, nas costas do infeliz, disse-lhe: Vai me dar conta do novilho ou, do contrário, verás o que te acontece.

Ao ouvir a ordem do cruel senhor, o crioulo deu de rédeas ao cavalo e partiu à procura do novilho. Não caminhou ele muito tempo para avista-lo pastando em uma cochilha. Ao lançar-lhe as vistas, desatou um frágil laço dos tentos, fez a armada e serrou pernas no cavalo e aproximando-se do novilho á distância necessária, atirou o laço certamente, lançando-o.

Em poucos tirões secos que deu o animal altaneiro, partiu-se o laço e saiu ele à disparada, sem que, por mais empenho que fizesse o crioulo, fosse possível faze-lo dar volta.

Desenganado, o desditoso preto voltou, dando parte ao cruel senhor. Este amarrou-o de pés e mãos e depois de tornar a dar-lhe muito, fez abrir um formigueiro e deitou-o nu entre as formigas.

No dia seguinte, vindo ele ver a sua vítima para continuar o cruel castigo, sendo acompanhado pelas pessoas da estância, ao aproximarem-se do formigueiro, viram, ele e os demais presentes, erguer-se uma nuvem e, envolvido nela, subir o mártir ao céu, desaparecendo.

Desde então os camponeses consideraram a vítima um santo e começaram a dirigir-lhe promessas. E ficou entre eles esse uso: quando perdem qualquer cousa útil, prometem logo velas ao Crioulo do Pastorejo, as quais costumam acender ao acharem o objeto perdido

É assim que não raro verem-se, nas estâncias, atrás das mangueiras ou currais e mesmo ao redor das povoações, velas acesas à noite, cravadas no terreno.

Elomar Tambara

Elomar Tambara é Professor titular de Historia de Educação do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Recebido em 15/10/2004

Aceito em: 20/01/2005